

ELIZABETH SPANN CRAIG



UM MISTÉRIO DE MIRTES CLOVER

UM ASSASSINATO  
NO  
CLUBE DO LIVRO

# **Um Assassinato no Clube do Livro**

## **Elizabeth Spann Craig**

Traduzido por Kamila Gonçalves Venturoso / Sara Acioli Lins

“Um Assassinato no Clube do Livro”

Escrito por Elizabeth Spann Craig

Copyright © 2025 Elizabeth Spann Craig

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

[www.babelcube.com](http://www.babelcube.com)

Traduzido por Kamila Gonçalves Venturoso / Sara Acioli Lins

Design da capa © 2025 Karri Klawiter

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

# Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Um Assassinato no Clube do Livro](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

## Outras obras da autora

### **Myrtle Clover**

[Pretty is as Pretty Dies](#)

[Progressive Dinner Deadly](#)

[A Dyeing Shame](#)

[A Body in the Backyard](#)

[Death at a Drop-In](#)

[A Body at Book Club](#)

[Death Pays a Visit](#)

[A Body at Bunco](#)

[Murder on Opening Night](#)

[Cruising for Murder](#)

[Cooking is Murder](#)

[A Body in the Trunk](#)

[Cleaning is Murder](#)

[Edit to Death](#)

[Hushed Up](#)

A Body in the Attic

Murder on the Ballot

Death of a Suitor

A Dash of Murder

Death at a Diner

A Myrtle Clover Christmas

Murder at a Yard Sale

Doom and Bloom

A Toast to Murder

Mystery Loves Company

**The Village Library Mysteries**

[Checked Out](#)

[Overdue](#)

Borrowed Time

Hush-Hush

Where There's a Will

Frictional Characters

Spine-Tingling

A Novel Idea

End of Story

Booked Up

Out of Circulation

**Southern Quilting Mysteries**

[Quilt or Innocence](#)

[Knot What it Seams](#)

[Quilt Trip](#)

[Shear Trouble](#)

[Tying the Knot](#)

[Patch of Trouble](#)

[Fall to Pieces](#)

Pressed for Time

[Rest in Pieces](#)

[On Pins and Needles](#)

[Fit to be Tied](#)

[Embroidering the Truth](#)

Knot a Clue

**A Sunset Ridge Mysteries**

The Type-A Guide to Solving Murder

The Type-A Guide to Dinner Parties

**Memphis Barbeque Mysteries**

(sob o pseudônimo de Riley Adams)

[Delicious and Suspicious](#)

[Finger Lickin' Dead](#)

[Hickory Smoked Homicide](#)

[Rubbed Out](#)

**E um romance leve independente de zumbis**

(sob o pseudônimo de Liz Craig)

[Race to Refuge](#)

# Capítulo um

Era mais uma tarde de verão abafada, e Myrtle Clover se refrescava dentro de casa, grudada em Promessas do Amanhã, sua novela favorita. Ela assistia com entusiasmo ao ousado resgate de Kayla de uma seita bizarra, quando, de repente, seu momento de paz foi bruscamente interrompido por um miado estridente e cães rosnando e latindo lá fora.

— Pasha! — ofegou ela enquanto lutava para se levantar da poltrona macia e acolchoada e derrubava no chão um jogo de palavras cruzadas pela metade.

Segurando a bengala em uma das mãos e pegando uma jarra de limonada com a outra, disparou porta afora. Dois cachorros grandes estavam na entrada de sua casa, avançando e encurralando uma gata preta, que sibilava assustada e tentava escapar.

— Parem! — berrou Myrtle ao jogar a limonada nos animais. Os cachorros pararam, virando a cabeça para encará-la com surpresa. A gata fugiu para longe o mais rápido que conseguiu. — Cachorros malvados! — repreendeu, com firmeza, brandindo a bengala na direção deles e se impondo com seus quase um metro e oitenta de altura.

Os animais logo colocaram o rabo entre as pernas e abaixaram as orelhas, choramingando enquanto se afastavam de fininho.

O filho de Myrtle, delegado, morava bem em frente, e sua porta se abriu de repente com toda aquela barulheira.

— Tá tudo bem, mãe?

— Eles não estavam me atacando... queriam a Pasha. Agora ela fugiu e eu nem sei se está machucada ou não.

Myrtle ficou irritada ao perceber o tom de pânico em sua voz. Era surpreendente o quanto aquela gata selvagem tinha se tornado importante para ela.

Red deu meia-volta e entrou em casa, voltando logo depois apressado e já calçado. Ele atravessou a rua com passos firmes.

— Aqui na cidade é *obrigatório* usar coleira. Bem que o pessoal podia se lembrar disso.

O cabelo que costumava ser ruivo, estava quase todo grisalho e espetado de um lado da cabeça, e sua voz era rouca e áspera, como se tivesse acabado de acordar de uma soneca.

— Você sabe como são o pessoal mais antigo aqui em Bradley — disse Myrtle. — Ignoram qualquer lei que seja inconveniente para eles. Esses cachorros não têm coleira com identificação e não reconhecem eles. — Ela começou a chamar pela Pasha. — Vem, Pasha, vem, gatinha!

Seu coração ainda batia acelerado, e ela respirou fundo para se acalmar.

— A Pasha é esperta demais para aparecer antes de achar que está segura, mãe. Talvez, depois que eu colocar esses cachorros na viatura, ela apareça.

Red assobiou para os cachorros e estendeu a mão; os animais o seguiram obedientemente, como se ele fosse o flautista de Hamelin.

— Petiscos? Para esses cachorros desobedientes? — Myrtle ficou indignada.

— Eles só estão sendo cães, mãe. Cachorros correm atrás de gatos. E eu preciso levá-los para o meu carro. Acho que umas salsichas vão ser a isca perfeita para atrair eles para lá.

E, como esperado, os cachorros ficaram enlouquecidos com os pedaços de salsicha. Assim que eles estavam dentro do carro, Red bateu as portas de trás e foi até o lado do motorista.

— Bom, sei que você não vai prender esses cachorros, então pra onde está levando eles?

— Só vou levar eles pra delegacia até que alguém venha buscar. Então, vou lembrar os donos sobre a lei da coleira quando eles vierem — explicou Red.

Myrtle observou enquanto o filho saía da garagem e depois abaixava a janela do carro.

— Mãe, vou te ajudar a procurar a gata quando voltar, tá bom?

Myrtle ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Pensei que você não era lá muito fã da Pasha.

— Não sou. Ah, mãe, ela é uma gata selvagem! Como a senhora acha que me sinto sabendo que minha mãe de 80 anos passa tempo com um animal selvagem? Mas é melhor eu ficar me agachando atrás dos arbustos

para procurar ela do que você. Você já anda cambaleando nos últimos tempos.

Myrtle lançou a ele um olhar fulminante. Ele estava se intrometendo, como sempre.

— Eu estou muito bem das pernas, Red. Essa bengala só me ajuda a andar mais rápido, só isso. Na verdade, é mais um acessório de moda do que qualquer outra coisa. Vá para a delegacia. Eu chamo o Miles para me ajudar.

Red foi embora, e Myrtle reconsiderou pedir ajuda a Miles. Decidiu deixá-lo em paz por enquanto. No fundo, sabia que ele tinha o hábito secreto de assistir a mesma novela. Myrtle acabara viciando o amigo na trama, que devia estar terminando naquele momento. Com certeza, ele saberia se Kayla conseguiu escapar da seita sem nenhuma consequência. Myrtle olhou ao seu redor.

— Aqui, gatinha, gatinha — chamou ela, se abaixando para olhar embaixo dos arbustos e do carro dos vizinhos.

Para onde a Pasha teria ido? Myrtle precisou admitir que não fazia ideia; só tinha visto a gata correr. Talvez tivesse corrido para bem longe, querendo ficar o mais longe possível daqueles cachorros. Myrtle voltou para dentro, abriu uma lata de atum e saiu de novo à procura. Depois de olhar pelo seu quintal e pelo dos vizinhos, foi até a próxima quadra, chamando a gata enquanto andava e torcia para que o cheiro do atum convencesse a coitada a sair do esconderijo.

O sol ardia sobre ela, e a umidade típica do começo do verão parecia sufocante. Myrtle achou que viu algo se mexer nos arbustos de um quintal bem fresquinho e entrou sem hesitar, chamando pela gata e estendendo a lata de atum. Um esquilo correu para longe, e ela suspirou, decepcionada, levando um pequeno susto quando uma voz autoritária resmungou:

— Dona Clover, o que a senhora está fazendo?

Myrtle levantou o olhar e viu Rose Mayfield parada na porta de casa, com as mãos na cintura e uma expressão impaciente no rosto.

— Estou procurando minha gata perdida, só isso.

*Velha intrometida.*

— Pelo amor de Deus. Como vai ajudar a gata se você tiver uma insolação bem aqui no meu quintal? — Rose olhou para Myrtle com ar de superioridade, levantando o nariz aristocrático. Com o corpo esbelto, o cabelo castanho já mesclado com fios grisalhos e os traços pronunciados,

Rose, de meia-idade, sempre lhe lembrava uma versão bem rabugenta da Katharine Hepburn. — Entra aqui — disse, com um tom decidido, segurando a porta aberta. — Toma um pouco de água, se refresca, e depois você pode procurar seu bicho de estimação.

— Ela não é um animal de estimação — retrucou Myrtle ao entrar, sentando-se em um sofá antigo e colocando a lata de atum com cuidado ao lado. — Ela é uma gata selvagem com quem fiz amizade. A Pasha é muito dócil, apesar de ser bem arisca.

— Tenho certeza que é — disse Rose, interrompendo-a enquanto ia até a cozinha às pressas, molhava um pano com água fresca e o entregava para Myrtle. A expressão em seu rosto deixava claro que *ela* jamais permitiria que *sua* mãe idosa tivesse uma gata selvagem. — Vou pegar um copo de água gelada pra você.

Myrtle não gostava de levar sermão, mas ficou calada e evitou discutir com a mandona da Rose. Apenas porque percebeu que, na verdade, estava com sede. Deu grandes goles na água que a mulher lhe trouxera e, a contragosto, pediu desculpas pela invasão, já que Rose, de braços cruzados, parecia incomodada.

— Ah, não tem problema — comentou Rose, impaciente. — Sua visita vai me distrair do assassinato acontecendo aqui ao lado.

— Assassinato? — perguntou, com o interesse despertando com certa rapidez.

Como se fosse ensaiado, um coro de motosserras começou ao mesmo tempo.

Rose estremeceu com o som e apertou o copo de água com mais força.

— Isso — disse ela, levantando a voz por cima do barulho. — Um crime contra a natureza. Aquela mulher ali do lado está acabando com todas as árvores e plantas entre nossos quintais. Décadas de verde sendo derrubadas e levadas embora.

Seu rosto parecia abatido de verdade só de pensar no assunto.

Myrtle fez uma pausa, tentando se lembrar dos vizinhos daquela rua.

— Humm... a sua vizinha não é a Naomi Pelter?

Rose fez uma careta de desgosto.

— Ela mesma.

— Por que ela iria querer tirar todas as árvores e arbustos? — perguntou, levantando a voz para ser ouvida por cima do barulho das

motosserras. A ideia de perder a privacidade que aquele terreno cheio de árvores proporcionava era incompreensível para Myrtle.

Rose deu de ombros.

— Porque ela é maluca? — sugeriu, com a voz carregada de sarcasmo. — Quando perguntei, Naomi deu a resposta mais boba. Disse que odeia varrer folhas e cuidar dos arbustos. Como se *ela* mesma fosse fazer isso, né? Naomi sempre arranja algum homem para fazer o serviço por ela, na maioria das vezes o marido de alguma amiga... alguém pra quem ela já deu umas piscadinhas. Mulher insuportável — resmungou. — Já considere-me jogar na frente da escavadeira pra impedir a equipe.

Myrtle tomou um gole de água, pensativa. Antes que pudesse responder a essa declaração dramática, no entanto, Rose já havia mudado de assunto.

— Você vai no clube do livro amanhã? — perguntou abruptamente. — Vai ser na minha casa.

Myrtle colocou o copo de lado, derramando um pouco de água no colo. Ela fez uma careta e tentou, sem muito sucesso, secar a água com o guardanapo. Já estava numa fase em que tentava faltar ao máximo de encontros do clube do livro que conseguia. Os livros escolhidos costumavam ser aqueles romances de praia, com tramas superficiais e personagens que pareciam todos iguais. Ela se irritou em silêncio por Rose tê-la colocado contra a parede.

— Acho que amanhã preciso trabalhar na minha coluna de dicas para o *Clarim de Bradley*, Rose.

Rose ignorou por completo a desculpa, como se Myrtle nem tivesse falado nada.

— Você tem que vir. Mesmo que não tenha lido o livro, dona Myrtle. Tenho a sensação de que aquela criatura insuportável que mora ao lado vai aparecer, e vou precisar de alguém mais para conversar.

Essa declaração não era bem um bom motivo para Myrtle querer ir ao clube do livro. Mas Naomi Pelter estava se tornando cada vez mais intrigante.

— Ela não costuma aparecer no clube do livro, né? Acho que só vi ela lá uma ou duas vezes. Por que você acha que vai aparecer dessa vez? Ainda mais com você furiosa por ela ter derrubado todas aquelas árvores.

— Acho que ela vai aparecer porque precisa se reconciliar com o pessoal. Ela tá brigada com vários membros do nosso clube. Talvez até com o seu Miles, dona Myrtle.

Rose lançou a ela um olhar divertido.

Myrtle riu.

— Ele não é *meu* Miles. Pelo amor de Deus. Sou uns quinze anos mais velha que ele! O Miles é só um amigo, nada mais.

— Você reparou na Naomi no almoço do clube de jardinagem ontem?

O rosto de Myrtle ficou vermelho de culpa. Ela tinha uma excelente desculpa para não estar no almoço, mas já não conseguia se lembrar dela nem que sua vida dependesse disso.

— Ah, também não foi?

Rose levantou as sobrancelhas bem cuidadas, lançando a Myrtle um olhar de reprovação. Myrtle se lembrou que a mulher passara a ser a presidente do clube de jardinagem. Fazia sentido, considerando o quanto estava incomodada com o corte das árvores e dos arbustos ao lado.

— A gente tem recebido palestrantes incríveis no clube de jardinagem, sabia? Incríveis mesmo. No mês passado, veio um especialista da secretaria da agricultura. Ele sabia tudo! Explicou sobre plantas invasoras, cogumelos venenosos e pragas de jardim.

Rose juntou as mãos, empolgada.

— A única praga de jardim que conheço é a Erma Sherman — resmungou Myrtle.

Sua vizinha ao lado era do clube de jardinagem, mas ninguém diria isso ao ver o quintal da mulher. Só tinha mato: infestação de erva daninha, trepadeiras e capim.

Rose ignorou o comentário dela.

— E ontem a Timmie Watson contou pra gente como fez um lindo canteiro de flores numa parte cheia de pedras e sombra do quintal. Ah, e o almoço anual estava uma delícia, dona Myrtle. E saiu bem em conta.

A parte do *bem em conta* veio acompanhada de um olhar de soslaio. Era irritante que as pessoas em geral achassem que todo idoso vivia a um passo da pobreza. Ter uma renda fixa, mesmo sendo uma professora aposentada, não era o fim do mundo... só colocava Myrtle num orçamento mais apertado.

Rose pareceu não notar a irritação da outra mulher.

— Enfim, a única parte ruim do almoço de ontem foi que a Naomi resolveu aparecer. Usando um enorme chapéu de praia, ainda por cima. — O rubor subiu pelo pescoço de Rose outra vez. — Quanta ousadia! Sorrindo pra lá e pra cá como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Enquanto isso está acabando com todas as árvores e arbustos do quintal. Jardinagem, é o que ela diz!

Rose parecia só querer falar de um assunto, e como Myrtle já estava cansada do tema e ansiosa para encontrar Pasha, ela se apoiou na bengala para se levantar da cadeira e disse:

— Muito irritante, Rose, sem dúvida. Obrigada pela água. Vou continuar procurando minha gata agora. Me avise se a vir, tá?

Ela esticou o braço e pegou a lata de atum.

— Claro. Então, você vai pro encontro do clube do livro amanhã?

Não havia nada mais irritante do que alguém que insistia em uma confirmação de presença pessoalmente.

— Vou tentar — disse Myrtle com cautela.

A verdade é que perdeu todo o interesse pelo clube do livro assim que pararam de tentar ler literatura de verdade. Na verdade, logo depois da fundação do clube.

Rose a acompanhou até a porta da frente. Ela fez uma careta ao abrir a porta e logo se escondeu atrás da outra mulher.

— Parece que a Naomi saiu pra dar uma olhada no serviço, então vou deixar você ir sozinha até a saída. Não vai ter problemas, né?

Ela olhou de maneira sugestiva para a bengala de Myrtle.

— De jeito nenhum — disse Myrtle com firmeza, enquanto se virava para ir embora.

Continuava com uma gata desaparecida e ainda precisava ir ao clube do livro. Sem dúvida, não tinha sido a visita mais proveitosa.

Naomi, que usava um vestido leve e um chapéu de palha, dava instruções a uma equipe que a ouvia com toda atenção. A mulher avistou Myrtle, acenou e se afastou dos homens para ir até ela. Naomi tinha pouco mais de 40 anos, mas estava surpreendentemente bem conservada, com um rosto em formato de coração e cabelos cor de mel. Ela tirou um par de óculos de sol enormes e redondos, revelando olhos verdes brilhantes.

— Tudo certo, dona Myrtle? — Ela ergueu as sobrancelhas ao ver a lata de atum. — Vi você andando pelos quintais agora há pouco. Perdeu alguma coisa?

— Minha gata — respondeu Myrtle.

Ela achou que tinha visto movimento na paisagem que ainda restava entre os quintais de Naomi e Rose e se abaixou, estendendo a lata. Mas era

só um coelhinho apavorado, tentando se esconder enquanto as motosserras davam uma trégua. Myrtle soltou um suspiro.

— Poxa, que chato — disse Naomi, mas Myrtle teve a impressão de que a mulher nem tinha prestado atenção de verdade no que contara. Em vez disso, olhava para o cabelo de Myrtle com uma expressão estranha. De repente, Naomi estendeu as mãos e alisou o cabelo de Myrtle dos dois lados da cabeça. — Desculpa — falou com um sorriso. — Não resisti. Estava todo arrepiado.

— Igual ao cabelo do Einstein — comentou Myrtle. — Isso acontece de vez em quando. É um saco. — Ela pigarreou. — Por sinal, você vai no clube do livro amanhã? Está na vez de ser na casa da Rose, sabia? — Naomi a encarou, sem reação. Myrtle franziu a testa. — A Rose. Sabe... sua vizinha?

Myrtle apontou para a casa de tijolos atrás dela.

Naomi fez uma careta.

— Ah, acho que não, você vai? O que estamos lendo mesmo? Um desses livros bobos horríveis, não é? Quem quer analisar *isso*? *Como* é que se analisa isso?

Myrtle piscou, surpresa. Às vezes, encontrava almas afins nos lugares mais inesperados.

Naomi olhou pensativa para a casa de Rose.

— Talvez eu devesse tentar ir, afinal. Tentar melhorar as coisas. Tenho a impressão de que a Rose não está nada feliz com a limpeza que estou fazendo.

Pelo visto, a mulher não era lá muito intuitiva. Duvidava que Rose tivesse sido sutil.

Naomi assentiu.

— Então vou me programar para ir. Valeu por avisar. E, se eu vir seu cachorro, te aviso.

Myrtle estava prestes a corrigi-la, mas percebeu que a outra mulher já tinha ido embora.

## Capítulo dois

— Aqui, gatinha, gatinha, gatinha! — As sombras já estavam aumentando, e Myrtle torcia para que a Pasha estivesse só ouvindo seus chamados e ignorando... que estivesse fazendo coisa de gato mesmo, e não machucada... ou algo pior.

Ela deixou cair a lata de atum e fez uma careta quando o conteúdo espirrou pela entrada da casa de Lula Franklin e nos seus sapatos ortopédicos.

— Droga — resmungou Myrtle. Em seguida, chamou mais uma vez, cheia de esperança: — Gatinha, gatinha...

Infelizmente, a única resposta ao seu chamado foi um brusco cumprimento.

— Ei, mãe.

Ela se virou para a rua e viu Red em sua viatura policial.

— Nada até agora? — perguntou, soltando um suspiro.

Myrtle fez que não. Ficou irritada ao sentir as lágrimas querendo aparecer e deu uma fungada forte.

— Recebi umas reclamações de uma senhora idosa meio perdida, entrando nos quintais dos outros e falando sozinha. Achei que sabia quem era — disse Red.

As lágrimas de Myrtle secaram na mesma hora. Ela fuzilou Red com o olhar.

— Todo mundo nessa cidade sabe quem eu sou... nunca teriam dito *senhora idosa*.

Red parou o carro e deu a volta para abrir a porta do passageiro.

— Você tem razão. Eles disseram: “Red, sua mãe perdeu a cabeça e está pisoteando minhas calêndulas”.

— Não tem *nenhuma* calêndula nessa entrada — protestou Myrtle. Então, ela avistou um canteiro de calêndulas meio amassadas a poucos metros de distância e calou a boca. Caminhou até o carro, abaixou-se com

cuidado para entrar e resmungou: — Essa Lula é uma figura mesmo. Aquelas são zínias, não calêndulas.

Red voltou para o volante.

— Aposto que a senhora também não trouxe o celular, né?

Ela franziu a testa para o filho, e Red continuou:

— Tentei te ligar mais cedo. Sabe, eu ficaria bem mais tranquilo vendo a senhora andar pelos quintais dos outros se soubesse que tem um celular para pedir ajuda caso caia.

Myrtle ficou furiosa. Sobretudo porque sabia que Red tinha razão, e ela detestava quando o filho estava certo. Mas era muito difícil se acostumar a andar com um celular para lá e para cá.

— Saí de casa na correria, você sabe.

— A senhora ao menos trancou a porta? — perguntou Red, soltando um suspiro. — Quer saber, deixa pra lá. Aposto que não. E, mesmo que tenha trancado, já chamou o Dusty pra te ajudar a trocar a fechadura da porta dos fundos? Ela não está travando direito. Quase toda hora acho que você deixa a porta aberta... até de noite.

— Ele já me colocou na agenda — disse Myrtle.

Na verdade, isso era uma mentira descarada. Ainda não tinha ligado para Dusty, mas tinha pensado em falar com ele quando aparecesse para cortar a grama. O problema é que ele também não tinha vindo aparar a grama nos últimos tempos.

— Tá bom — disse Red, meio desconfiado. — Se ele não resolver isso logo, me avisa que eu cuido disso pra senhora.

— Eu me sinto bem segura, Red. Aqui é Bradley, Carolina do Norte. Tem só mil e quinhentos habitantes. E você é o delegado.

— Como delegado, sei bem o quanto essa cidade *não* é segura. A maioria é coisa boba, mas invasão é invasão — retrucou Red. O filho lançou um olhar meio emburrado para ela enquanto se aproximavam da entrada de sua casa. — Sinto que não estou cuidando direito da senhora, mãe. A senhora vai acabar se machucando sério, e vou me sentir culpado.

A conversa parecia estar tomando um rumo que Myrtle não queria seguir.

— Vou começar a levar o celular quando sair, Red. Você tem toda razão — admitiu, às pressas.

Red piscou, surpreso com a concordância inesperada da mãe.

— Aposto que a Pasha volta hoje à noite ou, no máximo, amanhã. Agora que os cachorros não estão mais por perto, ela vai perceber que não precisa mais se esconder. Você vai ver.

Naquela noite, Myrtle deixou uma lata de atum do lado de fora. De manhã, ela havia sumido. Pegava a lata vazia quando deu de cara com um rosto que parecia o de um burro espiando por cima da cerca, e quase deixou a lata cair.

— Erma! — resmungou para a vizinha. — O que você tá fazendo aí em cima? Quase me mata de susto!

Erma sempre arranjava alguma desculpa para ficar espiando por cima da cerca. Na verdade, era uma cerca para garantir *privacidade*. Mas, infelizmente, não estava servindo muito bem o propósito tão desejado.

— Ah, trouxe a escadinha aqui pra limpar umas janelas e aproveitei pra ver o que você tá aprontando, Myrtle. Sabe que gosto de ficar de olho em você. Quero ser uma boa vizinha.

Erma abriu um sorriso.

— Se quer mesmo ser uma boa vizinha, podia dar um jeito em todo aquele capim — disse Myrtle, com firmeza.

Erma soltou uma risada parecida com um relincho, revelando os dentes grandes e salientes.

— Myrtle, você me mata de rir. De verdade. Você é uma figura!

Era impressionante que a vizinha fosse uma participante dedicada do clube de jardinagem e, mesmo assim, não ligasse a mínima para o próprio quintal.

Erma logo mudou de assunto.

— Escuta, você vai no encontro do clube do livro hoje? É na casa da Rose. Vamos falar sobre *O dilema de novembro*.

Myrtle soltou um suspiro.

— Acho que sim.

*O dilema de novembro* parecia ser mais um daqueles livros com uma mulher de meia-idade tentando recomeçar a vida depois do divórcio. Talvez tivesse que levar tampões de ouvido para usar durante a discussão.

— Que bom. Depois que você não apareceu no clube de jardinagem, fiquei preocupada. Achei que talvez estivesse resfriada. Por isso vim te ver agora. — Erma apontou para baixo, na direção da escadinha. — Minha tia-avó morreu de um resfriado, sabia? Desceu pro pulmão, virou bronquite e depois pneumonia.

Erma tinha uma verdadeira paixão por contar detalhes médicos e uma memória afiada para isso. Myrtle tentou mudar o rumo da conversa. A vizinha era irritante em quase todos os sentidos, mas sabia de muitas fofocas.

— A propósito, já que estamos falando do clube de jardinagem e do clube do livro — Myrtle esperava direcionar a conversa para esse assunto —, você sabe alguma coisa sobre a Naomi Pelter? Nós nos encontramos ontem, e percebi que nunca conversei muito com ela. O que ela faz?

Erma deu um sorrisinho.

— Ela incomoda as pessoas. Fica paquerando homens casados e pedindo pra fazerem todo tipo de favor: consertar a pia entupida, limpar as calhas, cortar a grama, fazer uns serviços na casa. E parece meio folgada. Não trabalha, mesmo não sendo casada.

— Mas de onde ela tira dinheiro, então?

— Dizem por aí que vive de herança da família. Falam que, se ela souber gastar direitinho, tem grana pra se manter por um bom tempo. Dá pra acreditar? — disse Erma, com os olhos arregalados.

Myrtle não conseguia acreditar. Já estava acostumada a viver só com a aposentadoria da previdência social e a pensão de professora.

— Você lembra quando a Naomi se mudou pra cá? — perguntou, franzindo a testa.

— Foi uns cinco ou seis anos atrás. Não faz muito tempo.

Myrtle assentiu com a cabeça.

— Interessante. Bom, preciso entrar agora e tomar café. A Pasha sumiu, então, se você a vir por aí, pode me avisar? Ou, se der, pega ela, coloca pra dentro e me liga?

Erma ficou pálida. Ela não tinha a menor simpatia pela Pasha – e o sentimento era mútuo.

— Pegar ela? Acho que vou só te ligar mesmo, Myrtle. Eu e a Pasha não nos damos muito bem. E, pra piorar, sou alérgica. Melhor ela não entrar na minha casa. Por isso que meu bichinho de estimação é um peixinho dourado. E aposto que a Pasha também não ia se dar muito bem com ele.

Myrtle assentiu, acenou e começou a caminhar em direção à porta de casa.

— Te vejo no clube do livro! — soltou Erma animada.

A cabeça de Myrtle começou a doer.

Naquela tarde, Myrtle estava sentada, desanimada, no quintal cuidado com tanto esmero de Rose Mayfield. Não tinha percebido que o encontro seria ao ar livre quando decidiu vestir sua calça preta e blusa amarela de manga comprida. A escolha de cores a fazia se sentir como mais uma abelha no jardim. Acenou para seu amigo e vizinho, Miles, quando ele chegou segurando o livro escolhido do mês. O homem pareceu notar o humor da amiga e, para evitá-la, foi direto conversar com a impecavelmente vestida Blanche Clark. Myrtle fez questão de localizar onde Erma Sherman estava para manter distância a todo custo. Viu a vizinha dominando uma conversa com Georgia Simpson e logo escolheu uma cadeira bem longe dela.

A discussão do livro por fim estava prestes a começar depois do que pareceu ser uma eternidade de conversa fiada.

— Não estou vendo a Naomi Pelter por aqui — comentou Myrtle para Rose.

Isso a deixou um pouco incomodada, já que Rose tinha usado Naomi como desculpa para convencê-la a ir ao encontro. Além disso, a mulher tinha lhe dito que planejava comparecer para fazer as pazes com Rose depois da confusão sobre a reforma do jardim.

Rose franziu os lábios e disse:

— Um alívio e tanto, tenho que admitir. A Naomi me mandou um e-mail ontem à noite, dizendo que estava muito doente e não poderia vir pro clube do livro. É claro que se ela está tão doente assim, melhor mesmo *não* vir.

— Isso é verdade — concordou Myrtle.

Ela se lamentava por não ter pensado em usar a desculpa de uma doença também.

— Tomara que *não* tenha barulho de motosserra durante o nosso encontro. Pelo visto, eles terminaram quase tudo ontem à noite... espero que tenham terminado mesmo. — O rosto de Rose voltou a ficar todo vermelho. — Me dá até um aperto no peito pensar nas pobres árvores e arbustos sendo destruídos por lá. Talvez, se o barulho começar de novo, eu consiga juntar todo mundo pra protestar. Um protesto com mais gente com certeza seria mais eficaz.

— Vai ver ela dispensou os jardineiros, já que não está se sentindo bem — disse Myrtle.

— Tomara — disse Rose, cheia de esperança. Ela olhou para o relógio e continuou: — Acho que já está na hora de começarmos a discussão. Hoje vou assumir como presidente no lugar da Tippy, já que sou a anfitriã e ela não pôde vir.

— Será que posso falar primeiro? — perguntou Myrtle. — Eu só queria ter certeza de que todos sabem sobre a Pasha.

Rose a olhou sem entender.

— Minha gata. Sabe, a Pasha — disse Myrtle, impaciente.

Pelo amor de Deus, foi a razão de ela ter estado no quintal da Rose no dia anterior. Era para a mulher se lembrar disso, não é?

— Ah, tá bom então — apontou Rose, relutante. Ela ajeitou a saia e se sentou em uma cadeira de metal dobrável.

Myrtle se levantou e foi até a frente das cadeiras. Tossiu, e aos poucos todos pararam de conversar.

— Antes de começarmos — declarou Myrtle —, quero pedir uma coisa.

Todos a encararam surpresos.

— É sobre *minha* gata, a Pasha — continuou. — Bem, na verdade, ela não é exatamente minha. Ela é dona dela mesma, só me deixa alimentá-la e fazer carinho, sabe? — Todos franziram a testa, concentrados, como se tentassem entender. — Enfim, ela é uma gata preta e está desaparecida. Um bando de cachorros maus a perseguiu, e eu nem sei se ela está machucada. — Teve que balbuciar as últimas palavras, o que a deixou furiosa. — Por favor, me liguem se a virem.

Todos a olhavam com um certo ar de compaixão – até mesmo o Miles, que Myrtle tinha certeza de que nutria uma antipatia secreta pela Pasha desde um ataque meio desagradável que aconteceu tempos atrás. No entanto, sempre tivera certeza de que a culpa tinha sido de Miles. Ela sentiu aquele aperto nos olhos de novo e foi rápido até a porta dos fundos de Rose para pegar um lenço. Enquanto se afastava, ouviu Rose declarar:

— Bom, acho que todo mundo vai ficar de olho na gata. Agora, vamos seguir com o encontro deste mês. Temos outras coisas pra resolver antes de falar sobre *O dilema de novembro*.

Myrtle atravessou a varanda de Rose até a porta dos fundos e entrou na casa. A primeira coisa que percebeu foi que a porta da frente estava escancarada. Myrtle franziu o cenho. Realmente, tinha gente meio desligada no clube do livro. Mas alguém podia ter reparado que deixou uma porta

aberta desse jeito, né? Que ela soubesse, ninguém ali tinha sido criado em celeiro.

Ela começou a caminhar em direção à porta da frente, mas parou de repente ao sentir um cheiro acre. Myrtle abaixou o olhar... e viu Naomi Pelter estendida no chão de madeira de Rose, morta.

## Capítulo três

Não havia dúvida de que Naomi estava doente demais para ir ao clube do livro. Um cheiro pesado de doença emanava dela, e seu rosto, mesmo depois de morta, não tinha encontrado paz. Ela usava uma camiseta suja, shorts de algodão e estava descalça.

Trinta minutos atrás não havia nenhum corpo no chão da sala de Rose, quando todos foram recebidos e avisados para se reunir no quintal. Será que a mulher tinha se sentido tão mal que fora ao clube do livro em busca de ajuda?

Myrtle ouviu a porta dos fundos se abrir atrás dela enquanto olhava para Naomi. Em seguida, ouviu a voz de Miles dizer:

— Myrtle, você está bem? A Rose me mandou vir ver como você está. Tenho um lenço limpo no bolso...

Ele parou de repente.

Myrtle se virou para olhá-lo. O amigo olhava para Naomi com horror, parecendo um pouco enjoado também.

— O que aconteceu?

Ele desviou o olhar e voltou a atenção para Myrtle, aliviado.

— Acho que ela deve ter entrado procurando ajuda enquanto estávamos lá fora — concluiu Myrtle. — A Rose disse que ela tinha mandado um e-mail avisando que estava se sentindo mal e não conseguiria vir ao clube do livro.

— Isso é que é estar mal — disse Miles, ficando um pouco pálido. — Acho que vou avisar a Rose e evitar que mais alguém se depare com essa cena. Depois, devemos chamar uma ambulância, uma funerária, ou algo assim.

Ele se virou às pressas e caminhou em direção à porta dos fundos.

Myrtle encarou pensativa para Naomi, lembrando de todos os ressentimentos que tinham contra ela.

— Na verdade, é melhor você ligar para o Red.

— Red? — Miles se virou. — Você acha que teve algo suspeito nisso? Olha só como ela parece doente, Myrtle. Talvez tenha sido uma morte natural. Ela ficou muito mal e acabou falecendo.

— Talvez. Mas isso pode ter sido de propósito. Tinha muita gente que não gostava da Naomi. E aí vem uma dessas pessoas agora — disse Myrtle, fazendo um gesto com a cabeça em direção à porta dos fundos enquanto Rose se aproximava.

Miles deixou escapar um suspiro de desânimo.

— A Rose não vai ficar nada feliz com isso. Vou ligar para o Red — afirmou ele, pegando o celular.

Rose, de fato, não ficou nada contente. Ao contrário de Myrtle e Miles, ela percebeu o corpo na sala de estar assim que entrou. Seus olhos se arregalaram de surpresa, mas logo a expressão de desagrado tomou conta de seu rosto. Ela apertou os lábios ao avaliar a cena, colocando as mãos no quadril magro.

— Bem, isso é um baita inconveniente.

Myrtle conseguia pensar em muitas outras maneiras de descrever aquilo.

— Ela não fez isso de propósito, Rose. Acho que ela deve ter passado muito mal e acabou vindo até aqui pedir ajuda.

Myrtle sentiu uma pontada de pena pela mulher. Afinal, ela *fora* uma defensora da Literatura de Verdade. Talvez a única no clube, além dela e de Miles. Realmente, *O dilema de novembro!*

Rose sacudiu a mão no ar com impaciência.

— Sim, eu sei disso. Mas, justo agora, isso tinha que acontecer? Tenho um quintal cheio de convidados e, agora, um corpo estendido no chão. A Naomi tinha que se arrastar para cá feito um bicho para morrer? Bem típico da falta de consideração dela. E, para piorar, minha empregada, a Sheila, acabou de pedir demissão e não consegui contratar outra. O que é que eu vou fazer?

Myrtle percebeu que, na verdade, não gostava muito de Rose Mayfield.

— Recomendo de coração a minha faxineira. O nome dela é Puddin.

Ouviu-se um som de tosse engasgada atrás dela, e as duas se viraram para ver Miles. Ele sabia muito bem que Puddin era uma empregada totalmente incompetente em todos os sentidos.

Rose lançou um olhar de reprovação para Miles, como se o avisasse de que era bom aquela tosse não ser sinal de alguma doença... sobretudo com

um corpo estendido no chão da sala. Então disse a Myrtle:

— Ah, se não se importa, me passe o número dela. Você acha que ela tem algum horário disponível?

— Ah, tenho quase certeza de que tem — respondeu Myrtle baixinho, enquanto procurava um pedaço de papel e um lápis na bolsa. — Miles, o Red está vindo?

— Ele está a caminho — disse Miles.

— Red? — A voz de Rose soou irritada. — Por que diabos o Red está vindo?

— É só o procedimento padrão — explicou Myrtle. Ela inventou isso, mas *podia* muito bem ser o procedimento. Anotou o número de Puddin e entregou para Rose. — Vamos esperar o Red lá fora — acrescentou. — E também precisamos avisar todo mundo o que aconteceu.

Ela também queria observar a reação de todos quando Rose contasse a novidade ao clube do livro. Rose, Miles e Myrtle voltaram para junto dos membros do clube do livro, que já tinham desistido de esperar e conversavam animados, aproveitando os sanduíches sem casca e o chá gelado que Rose tinha servido. A mulher pigarreou e se posicionou de forma rígida na frente do grupo. Ninguém sequer notou. Ela pigarreou de novo, mas ainda assim continuaram conversando e rindo alto. Por fim, ela bateu palmas e falou:

— Pessoal! Por favor! — Aos poucos, as conversas e risadas foram cessando. — Se puderem se sentar de novo, preciso falar uma coisa para vocês. Houve um... — Rose procurou a palavra certa. — Bem, aconteceu uma coisa. Infelizmente, a Naomi Pelter faleceu no chão da minha sala. — Sua voz estava um tanto exasperada. Houve um suspiro de choque entre o grupo reunido, e ela continuou: — Isso mesmo. Naomi está lá dentro agora, e não recomendo que ninguém entre lá. O Red está vindo para nos ajudar. Ela tinha me mandado um e-mail dizendo que estava doente e não poderia vir ao clube do livro, e, de fato, estava muito mal.

Myrtle observou com atenção as expressões dos membros do clube do livro. A maioria parecia chocada e preocupada, mas havia algumas reações interessantes, pensou. Rose, por exemplo. Ela estava mais preocupada em manter a casa limpa do que com a morte de Naomi, mas aquilo já era de se esperar.

Myrtle também reparou que a tímida Claudia Brown deu um suspiro e, em seguida, fez uma expressão de culpa. Lembrou-se de ter sido professora

de Claudia muitos anos atrás. Na época, achava que ela era uma garota bem simples, e duvidava que tivesse desenvolvido alguma habilidade de pensamento mais avançado desde então. Talvez a mulher estivesse apenas se sentindo culpada por não gostar de Naomi e ter descoberto que ela estava morta.

Lena Fowler, a veterinária de Bradley, também teve uma reação interessante. Myrtle percebeu um leve sorriso de satisfação surgindo no rosto da mulher, até que ela logo o desfez ao notar que estava sendo observada. Mentalmente, decidiu que precisaria descobrir mais o que Lena pensava de Naomi, e aproveitaria para pedir que ela colocasse um cartaz de *gata desaparecida* no consultório.

A última reação diferente que Myrtle notou foi a de Maxine Tristan. Ela parecia quase contente com a notícia da morte de Naomi. E, ao saber que o Red estava a caminho, retocou o batom vermelho vivo e ainda deu uma ajeitada de pó no rosto.

Para ser sincera, ninguém ali parecia muito arrasado com a notícia. Surpresos, sim. Mas não teve uma única lágrima por Naomi Pelter. Aquilo fez Myrtle pensar que talvez não estivesse prestando atenção suficiente nos encontros anteriores do clube do livro. Será que todo esse ranço contra Naomi existia e ela nem tinha se dado conta? Talvez estivesse perdendo o jeito. Ou quem sabe devesse começar a ir mais aos encontros do clube do livro e do clube de jardinagem. Ao que tudo indicava, era lá onde tudo estava acontecendo.

Assim que Rose terminou de falar, o burburinho das conversas recomeçou, daquela vez com ainda mais entusiasmo. Myrtle decidiu esperar por Red na varanda. No entanto, assim que abriu a porta da varanda, viu seu filho entrar pela porta da frente de Rose, então resolveu voltar para dentro da casa.

Red suspirou ao ver Myrtle.

— Mãe, só uma vez eu gostaria que nos chamassem para um caso sem que você estivesse envolvida de alguma forma. — Ele voltou a atenção para Naomi Pelter. — Coitada. Ela estava muito doente mesmo, né? — Ele se ajoelhou ao lado do corpo e a examinou com atenção. — Será que ela já estava doente há algum tempo e acabou desidratada?

— Não, ela não estava doente até ontem à noite.

Red ergueu os olhos para a mãe.

— Você tem certeza?

— Tenho sim. Vi ela ontem à tarde enquanto procurava a Pasha. Conversamos por alguns minutos, e ela até estava planejando vir ao clube do livro. Mas, em algum momento ontem à noite, mandou um e-mail para a Rose dizendo que tinha ficado doente e não poderia vir.

— Então, isso aconteceu de repente? — questionou Red, pensativo.

— Pelo jeito, sim. Talvez tenha sido uma intoxicação alimentar — disse Myrtle. Então, fez uma pausa. — Ou quem sabe, um *envenenamento*.

— Por que está dizendo isso? — perguntou Red, de forma incisiva.

— Porque a Naomi não era exatamente a pessoa mais querida de Bradley. Só estou dizendo que é uma possibilidade. Você pretende tratar isso como uma morte natural?

Red balançou a cabeça e se levantou sem pressa.

— Vou deixar o legista decidir isso. Ela era muito jovem para ter morrido de um problema gastrointestinal em tão pouco tempo. Também já acionei a polícia estadual. Acho que o investigador-chefe Perkins já está a caminho. Se isso precisar ser tratado como homicídio, eles vão determinar. — Ele semicerrou os olhos para a mãe. — E isso tudo é extraoficial, tá? Você não está planejando escrever sobre isso para o *Clarim de Bradley*, está?

Myrtle escrevia uma coluna semanal de dicas úteis para o jornal, mas, às vezes, também fazia reportagens quando tinha a chance e seu editor permitia.

— Vai depender se isso for uma notícia de verdade ou não. Pode ser apenas um vírus mais forte ou algo parecido.

Na verdade, Myrtle já planejava escrever essa história, fosse vírus ou não. Algo assim acontecer durante um encontro do clube do livro era, sem dúvida, digno de notícia. Bom, pelo menos no que dizia respeito ao pequeno jornal de Bradley.

— Tudo bem, então. E quero que continue assim, mãe. Se isso acabar virando um caso de assassinato... e eu disse *se*... quero que você fique completamente fora disso.

Red logo se ocupou com seu caderno de anotações e nem percebeu o olhar de irritação que Myrtle lançou para o filho.

— Por que não? — perguntou Myrtle. — O que teria de tão especial *neste* caso?

Red levantou o olhar do caderno e encarou-a diretamente nos olhos.

— *Nunca* te quero envolvida nesses casos, você sabe disso. Mas este aqui é diferente. Pode envolver pessoas do seu clube do livro, gente próxima. Amigos seus. Isso pode acabar ficando bem complicado, e não quero a senhora no meio de nenhuma confusão. Na sua idade, mãe, você devia estar pensando em relaxar, assistir sua novela, colocar os pés para cima e descansar.

Myrtle o ignorou por completo. Essa era a ladainha constante de Red. Já estava tão acostumada que nem sequer prestava atenção quando ele começava. Para ela, era um *blá-blá-blá* sem fim.

— Agora, se puder ir lá para fora com o pessoal, por favor. Preciso conversar com a Rose Mayfield por alguns minutos antes do legista chegar. — Red se levantou da posição agachada com uma expressão de dor. — Caramba, ficar velho não tem graça nenhuma.

— Nem imagino como é — resmungou Myrtle, com desdém, enquanto saía pela porta dos fundos.

As conversas agitadas já tinham virado cochichos abafados quando Myrtle se juntou ao restante do clube do livro.

— Rose, acho que o Red quer falar com você um minutinho.

Rose caminhou às pressas em direção à casa. Miles se aproximou de Myrtle.

— O Red te deu aquele sermão por encontrar mais um corpo?

Myrtle deu de ombros.

— Ele só queria mesmo me dizer pra não me meter na investigação.

— Ele não *vive* te dizendo para não se meter nas investigações?

Miles ajustou os óculos sem aro no nariz.

— O Red conseguiu arrumar uma desculpa um pouco diferente dessa vez. — Myrtle baixou a voz. — Ele disse que esse caso pode ficar complicado, já que o assassino provavelmente é um amigo ou alguém do clube do livro.

Os olhos de Miles se arregalaram por trás dos óculos.

— Você quer dizer que *foi* um assassinato, então?

— Ele só vai saber depois da autópsia, eu acho. Mas pode ser que sim. A questão é que ele só não queria que eu me intrometesse no caso e arrumou uma desculpa nova.

Lena Fowler, a veterinária, se juntou a eles. A mulher tinha o físico atlético de uma corredora e cabelos castanhos curtos que combinavam com

o rosto delicado e expressivo. Ela também tinha um olhar analítico e penetrante que sempre fazia Myrtle se sentir envergonhada.

— Sinto muito pela Pasha, Myrtle. Lembro quando você a levou na clínica para castrar e vacinar.

Myrtle sorriu para ela.

— Imagino que você se lembra, já que a Pasha não estava muito de bom humor na época.

Lena sorriu de volta, e Myrtle percebeu como era raro ver um sorriso quebrar a seriedade do rosto da mulher.

— Era de se esperar. Gatos selvagens ficam ainda mais assustados com caixa de transporte, viagem de carro e consulta no veterinário do que gatos domésticos. Ela se saiu muito bem. Vou ficar de olho para ver se a encontro.

Aquela sensação de desconforto tomou conta de Myrtle outra vez ao pensar em Pasha.

— Você acha que ela vai ficar bem? Será que vou conseguir ela de volta?

Miles lançou para ela aquele olhar preocupado mais uma vez.

— Houve algum motivo específico que fez ela fugir? — O olhar penetrante de Lena estava de volta.

— Tinha uns cachorros correndo atrás dela, latindo ou algo do tipo — disse Myrtle com um suspiro. — Ela estava apavorada, mas não deu pra saber se ela se machucou.

— Às vezes, gatos ficam escondidos por um tempo até sentirem sede e aparecerem. Eu não me preocuparia muito, ela provavelmente está bem. — O olhar de Lena desviou de Myrtle para a casa de Rose. — Parece que mais alguém chegou.

— Pode ser o legista — disse Myrtle, também olhando em direção à casa.

Lena franziu a testa.

— O legista costuma vir para uma morte natural? A Rose disse que Naomi mandou um e-mail dizendo que estava doente e não conseguiria vir para o encontro. Será que o Red acha que tem algo estranho nisso?

Myrtle deu de ombros.

— Vai saber! O Red nunca me conta nada.

— Imagino que ele tenha a responsabilidade de relatar uma morte como essa — disse Miles, pensativo. Ele ajustou os óculos no nariz. — Ela era

muito jovem para ter morrido tão de repente por causa de uma virose estomacal.

Lena continuou encarando a casa com os olhos semicerrados.

— É uma pena, né? Eu não conhecia a Naomi tão bem quanto deveria, levando em conta que ela fazia parte do clube do livro — comentou Myrtle, tentando parecer despreocupada.

— Você não perdeu nada — retrucou Lena com frieza.

Miles e Myrtle trocaram um olhar.

— Então, você não era próxima da Naomi?

— Nem um pouco — respondeu Lena com um risinho de desdém. — Mas não sou a única que não era. — Ela fez um gesto com a cabeça, indicando ao redor. — Dá uma olhada na Maxine Tristan. Ela parece até alegre com tudo isso.

Myrtle se lembrou do sorriso de Maxine ao ouvir a notícia da morte de Naomi. Naquele momento, a mulher estava conversando com outro membro do clube, mas continuava sorrindo de orelha a orelha para tudo o que era dito. Parecia estar de ótimo humor.

— Estou por fora de alguma coisa? — perguntou Myrtle. — Tem algum motivo para a Maxine não ir com a cara da Naomi?

— Não sou de fofocar — disse Lena, às pressas. — Eu só faço observações. — Ela ergueu as sobrancelhas ao ver Red aparecer na porta dos fundos da casa de Rose.

— Ele vai querer falar com todo mundo — explicou Myrtle com um suspiro. — E isso sempre demora uma eternidade.

— Vou me oferecer pra falar com o Red primeiro, porque preciso muito voltar pra clínica. Tomara que a Pasha apareça logo, dona Myrtle.

E ela seguiu em direção à casa com passos firmes.

## Capítulo quatro

Na manhã seguinte, Myrtle tomou seu café da manhã e resolveu fazer uma caminhada até o escritório do *Clarim de Bradley*. Assim que abriu a porta da frente, foi recebida por uma onda de ar quente e úmido. Fez uma careta, tinha saído cedo justamente para tentar escapar do calor.

Na noite anterior, havia feito um cartaz de *Desaparecida* com a foto de Pasha e queria usar a copiadora do jornal para imprimir várias cópias. Myrtle se deu conta, lá pela meia-noite, de que não tinha nenhuma foto bem nítida da gata no computador. As poucas fotos que tinha estavam na *câmera* e precisaria da ajuda de Red ou de Elaine, a esposa do filho, para transferi-las, já que não fazia ideia de como tinha feito isso da última vez. Mas ligar para eles àquela hora não ia deixá-los muito dispostos a ajudar. Por enquanto, teria que se contentar com o cartaz que fez. Apertou os olhos enquanto o examinava. Dava para perceber que era um gato preto, concluiu. Mesmo que Pasha estivesse correndo quando tirara a foto, o que fez a imagem parecer mais uma mancha preta.

Myrtle tinha colocado o número do seu celular no cartaz como contato e até lembrou de carregar o aparelho na noite anterior. O aparelho estava com ela, guardado na bolsa grande que carregava no braço. Red ficaria tão orgulhoso.

Ela empurrou a velha porta de madeira do jornal e entrou na desorganizada redação. Mais uma vez, sentiu aquele cheiro de papel velho e mofado que parecia impregnado no lugar. A sala estava cheia de pilhas e mais pilhas de papéis e fotografias espalhadas por todo lado. Sloan Jones, o editor, vivia dizendo que sabia direitinho o que era cada papel ali e que conseguia encontrar qualquer coisa sempre que precisasse. Myrtle tinha sérias dúvidas sobre isso.

Ela examinou a sala mal iluminada até que uma das pilhas (ou o que ela *achava* ser uma das pilhas de papel) se mexeu em uma cadeira com rodinhas e se virou para encará-la. Era Sloan, um homem corpulento com uma testa que parecia crescer cada vez mais. Ele parecia desapontado ao vê-

la. A relação entre os dois era um pouco tensa, já que o editor parecia ter um certo medo de Myrtle. Ele se lembrava muito bem de todas as vezes em que ela o repreendeu na época do ensino fundamental por jogar bolinhas de papel e passar bilhetes. Imagina-se que, ao chegar aos quarenta, essas lembranças já teriam se apagado. Mas, para Sloan, esse não parecia ser o caso.

— Olá, dona Myrtle. — Ele deu um sorriso forçado. — Trouxe a sua coluna de dicas para mim? Foi rápido. Parece até que leu a minha mente. Sei que só precisa entregar mais para o fim da semana, mas, se já tiver pronta, coloco na edição de amanhã. É a coluna mais popular do nosso jornal.

— Não, só vim usar a copiadora. A Pasha desapareceu, e preciso espalhar alguns cartazes.

Ela ergueu o cartaz improvisado com a foto borrada de Pasha.

Sloan estreitou os olhos para ver a foto.

— Pasha?

— Você se lembra da gata selvagem que acabou ficando comigo? — Ou será que foi Myrtle que acabou ficando com Pasha? — Ela sumiu por causa de uns cachorros bravos, e preciso garantir que está bem. Sobre a coluna de dicas... acho que vou ter que pular essa semana. Parece que tem uma história bem maior vindo por aí.

Sloan começou a suar e puxou um lenço do bolso para enxugar o rosto.

— Ah, você está falando da morte da Naomi Pelter? Acho que não tem muita história, dona Myrtle. Ela ficou doente, tentou buscar ajuda, morreu no caminho. Triste, mas nada que dê uma matéria de verdade.

Myrtle o observou com atenção enquanto ele começava a puxar, meio nervoso, a pontinha do lenço.

— O Red já falou com você, não foi?

Sloan soltou uma risada meio aguda.

— Não sei do que a senhora está falando, dona Myrtle.

— Ah, acho que você sabe exatamente do que estou falando. O Red veio até aqui ou ligou para você e mandou me afastar dessa história. O que eu quero saber é o motivo — disse Myrtle, em tom firme.

Sloan chegou a abrir a boca para retrucar, mas suspirou e acabou desanimando um pouco.

— É isso mesmo. O Red passou aqui hoje cedo, a caminho da delegacia, e pediu para eu dar um jeito de te tirar dessa história. — Ele

rapidamente levantou as mãos, como se estivesse se defendendo, quando Myrtle começou a reclamar. — Mas não sei o motivo, dona Myrtle. Só presumi que fosse pelo mesmo de sempre, ele quer que a senhora pegue leve e pare de correr atrás de criminosos por Bradley. — Ele deu de ombros. — Não é pedir muito, né? A senhora podia pegar leve, ficar em segurança e continuar escrevendo sua coluna de dicas para o jornal.

Myrtle fez uma careta.

— As pessoas adoram a coluna de dicas — acrescentou Sloan às pressas. — Você não imagina quantas vezes me falam o quanto *amam* a coluna. Nossa, como adoram aprender a tirar manchas das roupas! Quem tem dinheiro hoje em dia para jogar fora uma roupa manchada? De jeito nenhum, querem é tirar as manchas e usar de novo. A senhora é praticamente uma heroína, dona Myrtle.

— Pode parar por aí. Já chega dessa conversa. Recebo muito mais elogios pelos meus artigos minuciosos sobre os assassinatos em Bradley. Dá para ensinar até um chimpanzé a escrever essas colunas de dicas, mas jornalismo investigativo exige pensamento complexo.

Ela deu uma batidinha na testa com o dedo.

Sloan fez uma cara de desânimo. Myrtle foi até a copiadora e fez vinte cópias do seu cartaz. Tinha certeza de que isso daria tempo suficiente para Sloan inventar alguma outra tarefa inútil para tentar distraí-la da matéria.

Dito e feito, quando Myrtle se afastou da copiadora, Sloan segurava uma caixinha nas mãos.

— Recebemos umas amostras promocionais pelo correio ontem, dona Myrtle. Que tal escrever algo sobre elas? Ah, e pode levar os itens para casa também, se quiser. Quem sabe sejam úteis. Vamos ver... temos aqui um... — Ele olhou dentro da caixa e tirou de lá um abridor de latas com cabo grosso, feito para ajudar quem tem artrite. — ...abridor de latas prático, que pode ser uma mão na roda para nossos aposentados de Bradley.

Myrtle soltou um *pfft*.

— Não preciso disso e não quero escrever sobre o assunto. Não tenho nem um pingo de artrite.

Ela cruzou os dedos pela mentirinha. Sua artrite só dava sinal de vida em dias de chuva, então, no fundo, não deixava de ser verdade.

Sloan, com um ar de desânimo, colocou o abridor de latas de volta na caixa.

— A senhora pelo menos vai conseguir acabar a coluna de dicas o mais rápido possível? Sei que o prazo é lá para o fim da semana, mas, se me enviar logo, posso publicar amanhã. É bem popular, como eu já disse.

Myrtle pensou que talvez fosse uma boa ideia incluir uma notinha sobre o desaparecimento de Pasha no final da coluna. Afinal, aquilo era o *Clarim de Bradley*, não o *New York Times*.

Sloan a olhou ansioso e, de repente, deu um pulo quando sua cadeira soltou um rangido ameaçador. Ele se levantou às pressas, franzindo a testa para a cadeira, como se a culpa fosse dela e não do seu peso.

— Que tal o seguinte... vou te enviar a coluna por e-mail hoje à tarde.

E ela daria um jeito de incluir um pedido no final da coluna, para que as pessoas ficassem atentas à Pasha. Talvez até colocasse uma foto.

Sloan piscou, surpreso.

— Vai mesmo? — Ele voltou a parecer preocupado. — *Estamos* falando da coluna de dicas, não é? Já que você não está trabalhando na história da Naomi Pelter.

— Claro — respondeu Myrtle, com tranquilidade.

— Para onde você vai agora? — perguntou Sloan, pelo visto ainda desconfiado de que Myrtle fosse deixar mesmo a história de lado.

— Agora? Vou procurar minha gata.

Ela guardou com cuidado as cópias na sacola plástica de mercado que tinha trazido e se apoiou com força na bengala enquanto saía. E, se procurar sua gata significasse cruzar com alguns suspeitos pelo caminho, que assim fosse.

Claudia Brown sem dúvida parecia estar escondendo alguma coisa quando ouviu sobre a morte de Naomi Pelter. Myrtle tinha certeza de que não estava imaginando a expressão de culpa na outra mulher. Por isso, achou que colocar um dos cartazes perto da casa dela seria uma boa ideia.

Sem perder tempo, pregou o cartaz no poste com a placa de pare na esquina da casa de Claudia. Como em boa parte das ruas de Bradley, a placa de pare era tratada mais como uma sugestão pelos motoristas. Na maioria das vezes, eles só davam uma desacelerada, olhavam rápido para os dois lados e seguiam sem parar. Com sorte, também dariam uma olhada no cartaz com a foto borrada de Pasha.

Infelizmente, Claudia não parecia estar disposta a cuidar do jardim naquele dia. As persianas da casa nem sequer estavam abertas. Conhecendo a mulher e sua personalidade sempre alegre, Myrtle achou aquilo um pouco

estranho. Será que ela estava de luto por Naomi? Parecia improvável, ninguém estava de luto por Naomi, pelo menos pelo que Myrtle podia perceber. Talvez fosse uma boa ideia dar uma passada na casa de Claudia para ver se estava tudo bem. Ela poderia usar a busca por Pasha como pretexto. Além disso, Claudia tinha demonstrado bastante preocupação com a gata quando Myrtle havia mencionado o desaparecimento no clube do livro.

— Pasha? — Pouco depois, Claudia observou Myrtle com os olhos semicerrados, através de seus óculos de armação estilo gatinho. — Quem?

Pelo visto, Claudia sofria de perda de memória recente. Pelo menos teve o bom senso de convidá-la para entrar. O dia estava muito quente, e Myrtle já estava mais do que pronta para aproveitar um pouco de ar-condicionado.

Exceto pelo fato de que a casa de Claudia estava bem abafada. Havia um pequeno ventilador, girando bem lentamente de um lado para o outro num canto distante da sala.

— O ar-condicionado quebrou?

— Ah, não. É que eu fico com muito frio. Você sabe como é.

Myrtle *não* sabia como era. Ainda mais no verão. Mas, claro, Myrtle tinha um porte bem forte. Claudia parecia do tipo que um ventinho leve já seria suficiente para derrubá-la.

— Posso te oferecer uma xícara de café?

Provavelmente para aquecer.

— Obrigada. Com creme e açúcar, por favor — disse Myrtle ao assumir que não seriam oferecidas bebidas geladas.

Claudia apressou-se em direção à cozinha, com os cachos bem apertados do permanente balançando enquanto saía. Continuava falando de forma distraída, só para preencher o silêncio, embora Myrtle não conseguisse entender direito o que dizia por causa do zumbido estranho do ventilador e do barulho de um cortador de grama na casa ao lado. O sofá, as cadeiras e as mesas ao redor estavam cheias de coisas espalhadas. Myrtle arrumou espaço empilhando algumas coisas e se sentou em um sofá floral já bem gasto para esperar.

Alguns minutos depois, Claudia voltou com um sorriso animado e duas xícaras de café, que balançavam e derramavam um pouco pelo caminho.

— Aqui está. Agora, vamos ver. Você veio aqui para perguntar sobre alguém chamado Pasha?

— Uma gata. Uma gata preta chamada Pasha. Ela está desaparecida. Falei dela no clube do livro — explicou Myrtle.

Ao ouvir sobre o clube do livro, Claudia começou a puxar o lóbulo da orelha, nervosa. Myrtle quase falou para ela parar, afinal, as orelhas da mulher já eram bem grandes sem precisar de mais alongamento. Mas se conteve.

Ah. Acho que bloqueei a maior parte do que aconteceu no clube do livro — disse Claudia de forma lenta. — Foi um dia tão traumático, não acha? Que coisa horrível o que aconteceu com a pobre da Naomi.

— Então, você era amiga da Naomi? Gostava dela? Estou perguntando porque parece que ela fez alguns inimigos pelo caminho.

O rosto de Claudia ficou todo vermelho.

— Naomi? Ela era... bem, ela era... — Claudia parecia concentrada, tentando encontrar uma palavra gentil para descrever a mulher. Por fim, depois de um silêncio que já estava ficando constrangedor para Myrtle, seu rosto se iluminou. — Ela era talentosa! Isso, talentosa.

Então, seu rosto se contorceu, e ela caiu no choro.

Myrtle a olhou, chocada, e logo abriu sua bolsa enorme, revirando tudo em busca do pacotinho de lenços que tinha quase certeza de ter colocado ali. Por fim, encontrou um lenço que tinha uma mancha vermelha.

— Desculpe — murmurou ela. — Está limpo, eu juro. Só usei para tirar o excesso do batom.

Claudia não demonstrou nenhuma hesitação em usar o lenço, assoando o nariz com força.

Por fim, depois do que pareceu uma eternidade para Myrtle, Claudia disse:

— Desculpe. É que isso é difícil para mim.

Pelo visto, Claudia gostava muito mais de Naomi do que Myrtle tinha imaginado. Talvez tivesse interpretado errado a expressão dela quando a morte foi revelada. Quem sabe ela estivesse em choque ou algo assim.

Mas essa explicação não *parecia* certa. Para Myrtle, parecia que Claudia não estava sendo totalmente sincera. E as lágrimas começaram a surgir outra vez nos olhos da mulher. Myrtle, desesperada, resolveu intervir.

— Imagino que todos se sentiram da mesma forma?

Os olhos de Claudia pareceram confusos por trás dos óculos de gatinho.

— Quero dizer, sobre a Naomi. Todos concordam com você que é uma grande perda para a comunidade?

— Ah, não — disse Claudia, balançando a cabeça até que os cachinhos voltassem a pular. — Eu não diria que *todos* acharam que a morte da Naomi foi uma grande perda para a comunidade. — Ela esfregou as bochechas, deixando-as ainda mais manchadas. — Rose disse umas coisas horríveis sobre a Naomi. Horríveis mesmo! — enfatizou, espiando Myrtle por entre os dedos enquanto esfregava a testa.

— Imagino que vizinhos às vezes tendem a se irritar — disse Myrtle, lembrando de suas próprias brigas épicas com Erma Sherman. Ela *precisava* mesmo fazer algo a respeito daquele maldito capim.

— Imagino que sim — concordou Claudia, com certa dúvida. — Mas parecia mesmo que a Rose estava furiosa com a Naomi.

— Mais alguém? Alguém além da Rose que talvez tivesse tanta antipatia pela Naomi?

Claudia se remexeu na cadeira, visivelmente incomodada.

— Ah, não sei. Meio que fico com receio de falar qualquer coisa, porque eu não sei toda a situação.

— Que situação? — perguntou Myrtle, no tom mais paciente que conseguiu. Ela estampou no rosto uma expressão que esperava parecer de interesse amigável.

— Entre a Naomi e a Lena.

Claudia começou a cutucar as unhas. A mulher era, sem dúvida, cheia de tiques nervosos.

Lena Fowler parecera bastante aliviada ao receber a notícia da morte de Naomi, então talvez Claudia soubesse de algo. A veterinária já estava na lista de possíveis suspeitos que Myrtle pretendia visitar.

— A Lena não gostava da Naomi?

Claudia continuava focada nas unhas.

— Eu não sei muito bem sobre isso, como já falei. O que ouvi foi que a Naomi pediu um favor para o marido da Lena.

— Que tipo de favor?

Myrtle se inclinou um pouco, esperando ouvir algo escandaloso, mas ficou surpresa com a resposta de Claudia.

— Naomi queria que o Billy subisse no telhado dela. Nem consigo me lembrar direito o que ela queria que ele verificasse lá em cima... talvez ver se o telhado precisava de reparo, limpar as calhas ou ajustar a antena da TV via satélite. Era algum tipo de serviço que ela pediu para ele fazer.

— E a Lena descobriu e tirou suas próprias conclusões?

Ela franziu a testa. Não parecia muito o estilo da veterinária sentir ciúmes exagerados por causa de um favor.

— Ah, não faço ideia do que a Lena pensou. Deve ter achado que a Naomi era tão sedutora que conseguiu convencer o Billy a subir no telhado. Mas esse não foi o verdadeiro problema. O problema é que o Billy subiu no telhado... e acabou caindo.

Claudia desviou a atenção das unhas e por fim a encarou.

Myrtle franziu as sobrancelhas, tentando se lembrar.

— Quer saber, acho que me lembro disso. Ele não ficou só machucado, né? Ele morreu.

Claudia assentiu, com os cachinhos apertados balançando com força.

— Exatamente. E a Lena culpou a Naomi, já que o Billy nunca teria subido no telhado se ela não tivesse pedido.

Myrtle franziu os lábios, pensativa. Em seguida, pegou sua bolsa e a bengala e se levantou com cuidado.

— Obrigada pela ajuda, Claudia. E obrigada por ficar de olho na Pasha também. Agradeço de verdade.

— Você tem uma foto ou alguma coisa assim? Para eu saber se for ela?

Myrtle entregou um dos panfletos para a outra mulher, que o examinou com seriedade. Em seguida, prendeu o papel na porta vazia da geladeira com um único imã.

— Não é a melhor foto — comentou Myrtle —, mas espero que pelo menos ajude. Estou indo agora para a casa da Elaine e do Red para ver se eles conseguem pegar umas fotos melhores da minha câmera. Eu mesma não faço ideia de como fazer isso. Por ora, achei melhor colocar algum tipo de aviso sobre a Pasha.

— Vou ficar de olho nela — disse Claudia. Ela deu um abraço meio desajeitado em Myrtle. — Quero ajudar.

Claudia era, com certeza, daquelas pessoas que gostam de ajudar... que fazem questão de agradar. E parecia ser muito sensível, a julgar pela reação que teve à morte de Naomi. Mesmo assim, enquanto saía, Myrtle não conseguia se livrar da sensação de que a mulher escondia alguma coisa.

## Capítulo cinco

— Essa é uma foto da Pasha? — perguntou Red, olhando para o cartaz. — Não sei se eu a reconheceria, mãe.

— É por isso mesmo que preciso da sua ajuda para tirar algumas fotos da minha câmera — disse ela, mexendo na bolsa à procura da câmera digital. — Juro, não vejo a menor utilidade nisso se a gente não consegue descobrir como tirar as fotos daqui.

— É só conectar no computador, abrir a pasta e copiar as fotos para o seu computador. Moleza.

— Pois é, eu tentei fazer o que você falou, mas não consegui achar as fotos. A câmera parecia ter um milhão de pastas.

Myrtle segurou firme a alça da bengala. Precisava ser gentil enquanto pedia um favor, mas, se o filho continuasse com aquele tom condescendente, seria difícil.

Red tirou o cabo da bolsinha com zíper onde a mãe tinha guardado a câmera junto com os outros cabos. Ele começou a mostrar o passo a passo no notebook dele.

— Primeiro, você conecta essa ponta na câmera e essa outra no computador.

Myrtle forçou um sorriso quando o filho olhou para ela.

— Depois, você espera o computador reconhecer o dispositivo. — Ele fez uma pausa. — Humm. Talvez essa porta não esteja funcionando direito.

Red desconectou o cabo do notebook e inseriu em outra entrada.

— Depois que o computador reconhecer o dispositivo, você clica nele aqui no notebook.

Ele apontou para o ícone e, em seguida, franziu a testa. Inclinou-se para a frente e analisou a tela com atenção.

Myrtle não conseguiu disfarçar a satisfação. Uma dúzia de pastas apareceram na tela. Como, afinal, alguém saberia qual era a certa?

— Vamos ver — murmurou Red. — Acho que deve ser essa aqui.

Aparentemente, não era.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Assassinato no Clube do Livro" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).